



Economia Real

Luís Mira Amaral

geral@forumcompetitividade.org

O EURO E A DÍVIDA

Com o euro tivemos uma moeda estável e credível gerando previsibilidade e confiança no comércio e nos investimentos. As taxas de juro baixaram drasticamente e o financiamento à economia foi facilitado.

O euro implicava um novo regime económico com ajustamentos feitos na base das variáveis reais e não das nominais. Tal como na época do padrão-ouro, representava também um compromisso de bom comportamento e o fim de um estéril nacionalismo monetário num país periférico. Mas esquecemos a competitividade dos bens transacionáveis, concentrámo-nos no mercado doméstico, aumentámos a despesa pública corrente primária em 15 p.p. do PIB, desbaratando a poupança nos juros da dívida pública que chegou a ser de 5 p.p. do PIB, e investimos mal em estádios de futebol, aeroportos e autoestradas que estão às moscas... Passámos a viver a crédito acima das nossas possibilidades, pois gerámos crescentes défices público e externo, criando dívidas pública e externa insustentáveis que nos levaram à bancarrota de 2011, a qual eu previa já em 2002 num artigo "O tango argentino e o fado lusitano" no "Jornal de Negócios", comparando com o que tinha acontecido à Argentina...

O défice público (despoupança pública) contribuiu para o défice externo na medida em que só em parte foi financiado por poupança doméstica, tendo de se recorrer à poupança externa, e a dívida

O que determina a prazo o nosso nível de vida não é a mudança de moeda mas sim as nossas produtividade e competitividade

pública é o grande problema pois está concentrada num só agente enquanto que a dívida privada, se bem que elevada, está pulverizada em muitos agentes.

Deixámos de crescer a partir de 2000 não por culpa do euro mas porque o modelo de endividamento e concentração nos não transacionáveis estava esgotado e porque sofremos o choque da abertura da União Europeia ao Leste e da entrada da China na economia global.

Quanto às culpas do euro, se um tipo tem um desastre com um carro porque não o sabe guiar de quem é a culpa?

Há uma narrativa que atribui a responsabilidade da nossa situação à crise financeira de 2008 e ao facto de a zona euro não estar preparada para ela, esquecendo que outros países do euro não tiveram os nossos problemas e que a crise apenas acelerou o caminho para a bancarrota que eu já previa em 2002!

A saída do euro seria um desastre em termos de acesso aos financiamentos externos e da queda dos salários reais e nada resolveria, pois o que determina a prazo o nosso nível de vida não é a mudança de moeda mas sim a nossa produtividade e competitividade.

Engenheiro (IST)
e Economista (Msc NOVASBE)